



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

ERA UMA VEZ... UM LEITOR QUE PASSOU A ESCRITOR

RITA DE CÁSSIA RANGEL ALVES
Graduanda de Pedagogia
Universidade Estadual da Paraíba
rita.alves_2007@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As atividades devem desafiar o pensamento das crianças e gerar conflitos cognitivos que as ajudem a buscar novas respostas. FERREIRO (1998). A partir dessa compreensão desenvolvemos durante o ano letivo de 2009, na escola da rede particular de ensino Petrônio Colégio e Curso em Campina Grande PB, um projeto permanente de incentivo à leitura e escrita no qual evidenciamos as primeiras tentativas por parte dos alunos em compreender e utilizar a língua escrita de modo que não frustrassem suas ideias e, assim, dessem sequência ao seu desenvolvimento através do contato com ações que propiciassem uma efetiva comunicação entre eles e o mundo letrado.

A prática comunicativa atua no sujeito que experiencia, no cotidiano, as várias demandas da sociedade e, através da linguagem, da leitura e da escrita, cresce cognitiva e criticamente. RANGEL 2005 p. 18.

A partir da perspectiva apresentada, surgiu o presente artigo que é o relato sobre alguns aspectos do trabalho desenvolvido durante o ano letivo e o produto final do projeto citado anteriormente, ou seja, a experiência da produção de um livro contendo a escrita espontânea dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, visto que as crianças começam a escrever antes mesmo de “colocarem os pés na escola” pela primeira vez, esta escrita se faz das mais variadas formas, tornando necessário o incentivo por parte da escola para formação de sujeitos capazes de ler e escrever efetivamente. Esse artigo surgiu com o objetivo de buscar embasamento teórico para executar e analisar todo o trabalho pedagógico desenvolvido no projeto assim como o produto final.



METODOLOGIA

A pesquisa está baseada na metodologia de ordem qualitativa, já que esse tipo de procedimento metodológico nos permite fazer o acompanhamento dos indivíduos envolvidos, de suas ações, desse modo realizando a observação e análise dos aspectos relevantes e essenciais à compreensão do processo educativo de forma ampla.

Conforme Chizzotti (2003)

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

Pudemos unir desde o início da pesquisa, embasamentos teóricos que conduziram nossa prática pedagógica em todas as etapas da aplicação do projeto de leitura e escrita, desde o planejamento das aulas, passando pela execução, até chegar ao resultado final do trabalho pedagógico, que se trata da construção do livro com as escritas espontâneas dos alunos, desse modo vinculamos as teorias e os resultados práticos coletados para chegara um denominador comum que pudesse esclarecer as questões que motivaram esse trabalho e construir uma práxis significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A referida escola onde foi desenvolvida a pesquisa mantém uma prática educativa voltada para o respeito pelo conhecimento prévio do aluno e acredita na capacidade produtiva das crianças, essa postura está intrinsecamente ligada às práticas de leitura e escrita desde as turmas de Educação Infantil e principalmente no 1º ano do Ensino Fundamental, já que se entende a efetivação da aquisição do mundo escrito iniciar-se concretamente nessa fase. O projeto de incentivo à leitura e a escrita acontece na escola diariamente, fazendo parte do cotidiano dos alunos desde a entrada em sala de aula, na qual as paredes possuem um varal de textos onde são expostos vários portadores de textos, as crianças tem contato com livros de literatura infantil, leitura de rótulos e embalagens, uso de revistas de circulação nacional, jornais, literatura de cordel entre outros. O papel da escola não se restringe às



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

atividades meramente mecânicas, que apenas produzem um processo de decodificação nas crianças, pois lança mão de mecanismos pedagógicos capazes de produzir situações comunicativas que estimulem o contato entre elas e o mundo letrado. Segundo Rangel (2005 p. 29)

O significado mais profundo da escrita e da leitura supõe uma concepção de leitura inserida na esfera social, histórica e ideológica, não se restringindo às ferramentas decodificadoras da palavra, mas vinculando a leitura, na escola, como objeto de conquista de uma prática social.

A contação de histórias é desenvolvida diariamente e de forma lúdica, em um espaço especial reservado para um momento de descontração dos alunos, no qual eles são incentivados a ler, mesmo que não seja de forma convencional, de expressar suas impressões sobre os textos lidos e se posicionarem criticamente sobre as questões que eventualmente sejam despertadas através das histórias. Segundo Silva (2000 p. 79-80)

A leitura crítica é condição para educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicitação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não-geradora de novos significados), será feita através de caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, CONSTATAR, CORTEJAR E TRANSFORMAR.

Os alunos são incentivados a escrever desde o início do ano através de inúmeras possibilidades e dentro de determinadas funções que vão desde bilhetes, convites até narrativas de fatos cotidianos. Para Martins (2008 p. 57) a escrita faz parte de uma transição histórica da humanidade, de uma busca complementar de expressão.

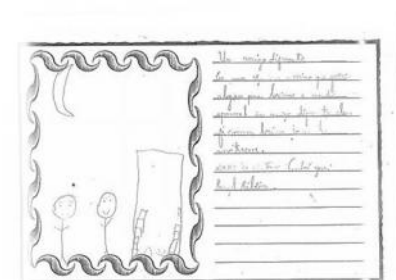
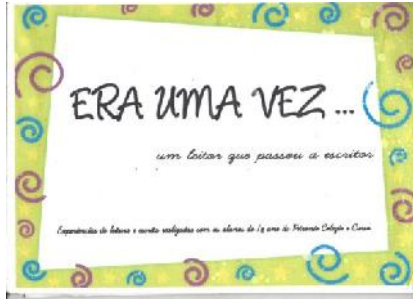
A escola dispõe de uma brinquedoteca, que possui um baú cheio de fantasias, que as crianças costumam utilizar quando a professora propõe o momento da história criada, que é quando as crianças imaginam personagens e a partir deles criam suas próprias histórias e foi justamente nesse espaço que deu início a construção do livro Era uma vez... Um leitor que passou a escritor, ou seja, o produto final do trabalho desenvolvido durante o ano letivo, que se deu da seguinte forma, os alunos construíram fantoches utilizando materiais diversos e a partir desses fantoches criaram suas histórias, de forma espontânea, tendo seus textos respeitados e com a reescrita feita pela professora em uma página a parte, sem comprometer as ideias dos autores de



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

modo que cada um criou seu próprio ERA UMA VEZ.

IMAGENS DO LIVRO



CONCLUSÕES

Lendo se aprende a ler, escrevendo se aprende a escrever, são certas com as quais chegamos ao final dessa pesquisa. A escola deve evidenciar a capacidade inata que a criança possui de criar, analisar e principalmente pensar no mundo e não castrar as ideias comuns ao universo infantil.

Através da leitura e da escrita a escola pode incentivar toda produção imaginativa dos alunos para que os mesmos possam verificar que a língua escrita não nasce fora do indivíduo, mas surge de suas necessidades e tem suas finalidades voltadas ao LER POR PRAZER e por esse motivo não devem ser encaradas como ações mecânicas e cansativas.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonçalves (et.al). São Paulo. Cortez. 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação. 2003. P.221.

MARTINS, Maria Silva Cintra. Oralidade, escrita e papéis sociais na infância. Campinas SP. Mercado das letras. 2008.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. Leitura na escola: Espaço para gostar de ler. Porto Alegre. Mediação. 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. O ato de ler: Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo. Cortez. 2000.